

DESCALÇA-TE, A TERRA É SAGRADA: A HERMENÊUTICA DE LUÍS DA CÂMARA CASCU DO NA HISTÓRIA BÍBLICA DO ÊXODO 3:5.

Erielton Souza Martins (PUC-Minas)

RESUMO: Este artigo, cujo título é “Descalça-te, a terra é sagrada: a hermenêutica de Luís da Câmara Cascudo na história bíblica do Êxodo 3:5”, relata sobre o gesto simples de Moisés ao retirar as sandálias para adentrar num lugar sagrado, sinal este que perdura em algumas culturas há milênios. A interpretação feita por Cascudo é proveniente da experiência acumulada em anos de estudos promovendo um caminho entre as linhas literárias e religiosas, históricas e geográficas, sociológicas e antropológicas que corroboram com a antologia cultural brasileira, inculcando questionamentos no episódio e desenvolvendo uma compreensão do sentido de retirar as sandálias em lugares sagrados e ambientes diversos. A sua análise vai ao encontro do acontecimento do Monte Horebe, passando pelas estórias da humanidade, realizando uma interpretação reveladora de vários aspectos religiosos (bíblicos) na cultura plural do Brasil. O objetivo central desta pesquisa é o de verificar a leitura do Êxodo 3,5 feita por Câmara Cascudo, descrevendo o significado presente na simbologia dos pés descalços em diferentes tradições religiosas, discutindo como o autor utilizou da exegese bíblica para apontar o porquê de tantos caminhos e interpretações ao redor de um gesto tão notável. Para o desenvolvimento da pesquisa foram feitas revisões bibliográficas tendo como fontes livros, teses e publicações. Os métodos utilizados foram o histórico e o comparativo, buscando compreender a origem dessa simbologia no passado e o seu uso na contemporaneidade. No entanto se faz necessário novas pesquisas para poder ampliar o conhecimento da questão abordada de modo a gerar um processo de simbiose entre o mundo acadêmico e o universo religioso, conforme ocorre nas Ciências da Religião.

Palavras-chave: Moisés, hermenêutica, retirar as sandálias e lugar sagrado.

ABSTRACT: This article, entitled "Barefooted thee, the land is sacred: the Louis hermeneutics of Cascudo in the biblical story of Exodus 3:5," reports on the simple gesture of Moses to remove his sandals to enter a place sacred, which signal persists in some cultures for millennia. The interpretation made by Krusty comes from the experience accumulated in years of studies promoting a path between the literary and religious lines, historical and geographical, sociological and anthropological that corroborate the Brazilian cultural anthology, inculcating questions in the episode and developing an understanding of the meaning of remove the sandals in holy places and different environments. Their analysis meets the Mount Horeb event, through the stories of humanity, carrying a revealing interpretation of various religious aspects (Bible) in the plural culture of Brazil. The main objective of this research is to check the reading of Exodus 3.5 made by Cascudo, describing the meaning present in the symbology of bare feet in different religious traditions, discussing how the author used the biblical exegesis to point out why so many ways and interpretations around such a remarkable gesture. For the development of research literature reviews were made with books as sources, theses and publications. The methods used were the historical and comparative, trying to understand the origin of this symbolism in the past and its use nowadays. However further research is needed in order to increase knowledge of the matter addressed in order to generate a symbiotic process between the academic world and the religious world, as occurs in religious studies.

Key-words: Moses, hermeneutics, remove the sandals and sacred place.

INTRODUÇÃO

Por vários séculos os interpretes buscaram compreender as mensagens existentes nas Escrituras, as consequências inevitáveis foram as várias percepções dentro de um mesmo texto bíblico, inculcando divergências nos diferentes espaços e artefatos que cercam uma determinada crença. Entre o uso de tantos objetos polêmicos no ambiente religioso, existem as sandálias, frequentemente utilizadas como proteção aos pés ou simplesmente como um belo adorno. Em *Êxodo* (Capítulo 3, Versículo 5), é vista como impura, inadequada, sendo proibida no ambiente santo em que Moisés estava.

A Ciências da Religião, com seus estudos, possibilita a análise de fatos religiosos (como o “descalça-te”) sem ter que enquadrá-los pejorativamente em certo contexto, além de gerar uma visão menos simplista a respeito desse símbolo numa determinada tradição religiosa. Deste modo, faz-se necessário abordar aspectos culturais diferentes em torno de fatos comuns ou semelhantes em suas aparências para obter uma noção plural de algo que aparenta singularidades. Gestos como os “pés descalços” resistem ao tempo há mais de 3000 anos, sendo utilizados por diferentes culturas e em lugares diversos. Seus estudos pelas lentes de Luís da Câmara Cascudo trazem à tona a necessidade de revelar fragmentos remotos ainda presentes em nossa sociedade. Através desses discursos, não só em ambientes religiosos, mas, dentro do contexto acadêmico, poderemos obter a “revelação” da importância de fatos remotos como o presente no livro bíblico do *Êxodo 3:5*, os quais ainda permanecerem “vivos” na sociedade pós-moderna.

1. A leitura do *Êxodo 3:5* feita por Cascudo.

Durante muito tempo, interpretes judeus, cristãos e simpatizantes de textos religiosos se utilizaram da exegese nos seus estudos bíblicos a fim de obterem respostas aos assuntos da fé. Muitas interpretações foram criadas ao longo da história em torno das principais personalidades bíblicas, sendo o profeta, pastor e guia Moisés um dos mais notáveis personagens da Torah judaica ou do Pentateuco cristão. Pode-se dizer que toda a história da libertação dos israelitas no Egito teve início com o seu sim no monte Horebe, após ver uma sarça ardendo no fogo sem se consumir, retirar as sandálias, pisar na terra santa, livrar-se dos medos e sair para cumprir seu destino.

Câmara Cascudo interpreta as palavras bíblicas do *Êxodo* (3,5) em dois textos¹: O primeiro é “Descalça-te a terra é sagrada” do livro: *Anúbis e Outros Ensaio* (1951), evidenciando aspectos sobre a origem, questionamentos e os significados por trás desse ato. Em seu trabalho posterior, denominado *Religião no Povo* (1974), o texto “de pé no chão” faz uma releitura do anterior acrescentando características indígenas e observações do seu cotidiano.

Para Cascudo (2002, p. 460), tudo começou quando ainda criança durante uma missa de domingo na igreja matriz em Natal, no Rio Grande do Norte, ele avistou uma senhora da alta sociedade, bem vestida, ornamentada e com boa postura, com os pés descalços. Não compreendia o ato daquela personagem naquele templo, mas, ao acompanhar as Procissões dos Passos, foi possível enxergar outras pessoas praticando o mesmo gesto. Nascia então o questionamento sobre o porquê de andarem de pés nus. Sua mãe lhe explicara que aquilo era fruto de promessas. Tempos depois, as perguntas do pesquisador seriam: Porque o pé no chão significaria penitência quando era algo usual do povo? Mas onde começou isto? Em suas conclusões, os frutos destas tradições religiosas eram provenientes dos povos colonizadores do Brasil.

Os indígenas habitantes desta terra não usavam calçados, os negros trazidos escravos da África não desembarcavam com tal item, mas os europeus chegaram carregando em suas bagagens uma nova cultura e com esta os costumes judeus e cristãos de atitude reparadora, perante o seu Deus. Daí as ideias dos pés descalços em procissões. “Deus disse: Não se aproxime. Tire as sandálias dos pés, porque o lugar onde você está pisando é um lugar sagrado” (Ex 3,5). Cascudo comenta que esta foi a primeira recomendação litúrgica feita a um guia, cujo objetivo final era de levar o povo eleito para a terra prometida. Daí sua ponderação:

Mandando Moisés descalçar-se, para dar uma visão assombrosa do lugar sagrado, Jeová empregou indicação corrente e popular no Egito, dando sugestão material e visível para alcançar o invisível e o abstrato, talqualmente realiza a liturgia católica, tornada mais superficial e compreensível com o II Concílio Vaticano. Doutra forma, naquele tempo, Moisés não compreenderia. (CASCUDO, 2002, p. 461-462).

¹ Livros reeditados com o acréscimo do livro “Superstições e Costumes” de 1958 na obra *Superstição no Brasil*, sendo a primeira edição lançada em 1985. A obra utilizada neste trabalho é a *Superstição no Brasil*, 5ª edição, publicada no ano de 2002.

É notório que Moisés, ao retirar as sandálias, reconheceu por direito a superioridade do Deus de seus antepassados. Para Mark O'Connell e Raje Airey (2010, p. 156): “[...] O pé é a parte do corpo que está mais intimamente relacionada com a terra. Está associada não tanto à estabilidade quanto ao movimento. Pés descalços, por tradição, indicam humildade e símbolo de lamentação”. A ligação dos pés à terra é vista não só como lamúria, mas sinal de reverência e adoração. Segundo Cascudo:

As fórmulas de respeito e adoração mais antigas estão fixadas nas pedras, nas ruínas dos templos, dos palácios, das sepulturas, dos hinários historiando as façanhas guerreiras ou as oblações religiosas. A mão ao peito, as palmas voltadas para o Deus ou para o Rei, a prostração, a posição ajoelhada, os braços cruzados, são as mais conhecidas... o pé descalço é, possivelmente, a forma mais antiga de materializar o respeito, a submissão, a obediência notória (CASCUDO, 2002, p. 199).

Este é o elo com Deus, provavelmente o primeiro sinal da dependência do homem com um ser divino. Na análise de Cascudo (2002, p. 463) os pés nus nivelam a todos, pondo-os dentro da vontade espantosa dos deuses ctonianos, na terra sagrada. Em outras passagens bíblicas, é possível ver a associação da humildade e veneração presente nesse gesto: a exemplo da semelhança de tal feito cometido por Josué, quando retirou as sandálias para pôr os pés no lugar santo, reconhecendo a supremacia do Deus onipotente através da presença do anjo (Js 5:15). No livro bíblico de Rute (Capítulo 4), Booz a resgata junto com o terreno através da lei do levirato, onde o outro homem lhe entrega as sandálias de uso (ficando descalço) na porta da cidade, diante do povo de Israel. Este gesto concretizava um acordo num tempo em que não existiam escrituras e prevalecia a lei de herança para o parente mais próximo.

A exegese bíblica realizada por Cascudo pode servir a uma comunicação didática das escrituras sagradas em situação de ensino, junto ao estudante. Ao praticar este ato interpretativo, o pesquisador vive por mais tempo aprofundando numa viagem ao mundo antigo, onde descobre a variedade de culturas e a diversidade dos povos, além da “descoberta” do sentido das ideias presentes nos escritos remotos: “Ter consciência desta dinâmica do texto bíblico e saber fazer suas articulações é possibilitar que o texto continue a revelar a novidade bíblica ao homem e à mulher contemporâneos” (PANASIEWICZ, 2008, p. 9). Esta tarefa exige muita atenção e esforço contínuo para compreender o real significado apresentado nas Escrituras. A definição correta do texto deve ser feita pelo exame detalhado do texto bíblico. Deste modo, evitam-se explicações desonestas e atitudes torpes geradoras de ramificações religiosas.

2. O significado do gesto “descalça-te” em diferentes culturas.

Para as Ciências da Religião, a simbiose presente entre o mundo acadêmico e o universo religioso é de extrema importância e, nas narrações de Câmara Cascudo, é possível notar os encontros religiosos e culturais presentes nas sociedades de um tempo remoto e da contemporaneidade, objetos de estudos de diferentes ciências que conferem o caráter interdisciplinar da disciplina.

É possível verificar o uso dos “pés descalços” como um costume em diferentes culturas. No antigo Egito, encontram-se contos como o do ministro onipotente de Meri-Rã-Papi, que obteve a permissão de ficar calçado até na presença do faraó, fato esse de extrema relevância, pois isso não era permitido aos vassallos: “O pé descalço era uma homenagem. Homenagem de humildade e de obediência. O costume já era assim pelos reinos poderosos da Assíria, Pérsia, Babilônia. No Egito ninguém se aproximava do Faraó com os pés calçados” (CASCUDO, 2002, p. 198). Na mitologia Nórdica, temos a estória de Skadi, a gigante que vai para a terra dos deuses (Asgard) e, estando lá, ela é convencida a esquecer dos erros de outrora e a se casar com um deus como sinal de amizade, porém a escolha dela deveria ser feita fixando os olhos nos pés nus (ao invés da face) e assim foram escolhidos os de Niord. O matrimônio é consumado e sela a paz entre os dois mundos (FRANCHINI; SEGANFREDO, 2006, p. 113-117).

Cascudo revela a presença deste gesto em rituais realizados pelo Candomblé, Umbanda, Xangô fazendo uma reverência à Mãe terra ao tocarem o solo com a mão direita e levarem na frente ou, ainda, quando executam uma dança ao orixá e recebem o santo. Nessa ocasião, os companheiros assentam a filha de santo e a descalçam para pisar diretamente no terreiro, estabelecendo dessa maneira a comunicação com a terra.

Outros relatos são encontrados em diferentes culturas sobre a valorização dos pés como sinal de humildade num ambiente sagrado ou abordando aspectos ostentadores sobre os calçados humanos. O “descalça-te” também é algo característico na tradição islâmica, tendo os fiéis de deixarem na linha do umbral os chinelos e sapatos para posteriormente entrarem nas mesquitas e realizarem suas orações. Os muçulmanos, ao praticarem este gesto mosaico, o fazem não devido a uma “imposição” estabelecida, mas, por prudência e higiene perante o local sagrado. Na Índia acontece de forma semelhante em diversos templos budistas e hinduístas, porém ocorre um consentimento para os visitantes friorentos entrarem no templo de meia, caso contrário é preciso ficar

no templo com os pés nus. Algumas culturas como a japonesa adotam este preceito religioso, não só no templo, mas isto é algo habitual nas casas e escolas, por crerem que tal pratica liberta os envolvidos das impurezas físicas e espirituais vindas de fora do recinto.

Na igreja católica, é possível ver um gesto parecido nas “missas de lava pés”, recordando o momento que o Senhor Jesus Cristo demonstra a sua servidão ao descalçar os discípulos e lavar-lhes os pés. Outro feito comparável ocorre na via sacra, quando católicos andam a pés descalços um caminho “igual” ao do calvário, percorrido pelo seu Senhor depois da sua condenação até o momento do martírio. Cascudo, através de sua interpretação perspicaz do Ex 3,5 foi ao encontro do acontecimento do Monte Horebe, passou pelas estórias da humanidade e realizou uma hermenêutica rica e reveladora de vários aspectos religiosos (bíblicos) na cultura plural do Brasil.

3. O Provinciano Luís da Câmara Cascudo.

Luís da Câmara Cascudo, nasceu no dia 30 de dezembro do ano da graça de 1898 d.C. em Natal no Rio Grande do Norte, filho do tenente Francisco Justino de Oliveira e de Ana Maria da Câmara Pimenta. Durante a sua juventude *ludovicus* (Luís em Latim) trabalhou no jornal instalado pelo seu pai no Rio Grande do Norte, ali começou sua vida literária alimentando cada vez mais o seu gosto pela pesquisa e escrita. Anos depois se formou em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito do Recife. Casou se no ano de 1929 com a sua amada Dáhlia Freire Cascudo e teve dois filhos (Fernando Luís e Ana Maria Cascudo). Tornou se um legítimo provinciano, a base de sustentação da família, batalhou como professor, pesquisador, jornalista, advogado, etnógrafo, folclorista, historiador..., faleceu no dia 30 de julho de 1986.

Câmara Cascudo assumiu, na sua jornada de vida, o compromisso de escrever e revelar a “verdade” presente em diferentes histórias para seus contemporâneos e a posteridade. Foi um “provinciano incurável”, de sua “Babilônia” (nome da sua biblioteca pessoal) conheceu o mundo como poucos conheceram, soube pesquisar e divulgar a origem da sua cidade, de vários gestos, costumes, superstições, dentre outros, deixando de herança um acervo com mais de 200 obras, cujas informações são necessárias para entendermos o presente e nos “atrelarmos” ao passado através da

leitura. Demonstrou aos potiguares e tupiniquins a verdade contida na frase popular: “O melhor do Brasil é o brasileiro”².

CONCLUSÃO

Luís da Câmara Cascudo ensina que cabe ao pesquisador contemporâneo retroceder ao passado praticando assim a exegese, um estudo histórico do texto para entender melhor a mensagem bíblica recebida há milhares de anos atrás e “própria” para o período contemporâneo. No estudo bíblico do Ex 3,5 percebe-se o “herói” Moisés retirando não apenas as sandálias, mas se livrando das mágoas e sentimento de culpa. A partir daquele instante no Monte Horeb, de frente à sarça ardente, ascendeu nele a chama da vontade de lutar mais uma vez pelo próximo. Está era a maior prova de sua vida, a que o tornaria mais humilde e apto para ficar embaixo da graça do seu verdadeiro Senhor, deixando às próximas gerações um sinal de simplicidade, obediência e sabedoria.

A análise de Cascudo serve como uma seta capaz de indicar o porquê de tantas interpretações religiosas ao redor do gesto simples e tão notável. Tal gesto pode ter a sua utilidade desde momentos alegres e festivos, passando por cumprimento de um dever ou gesto substituto de escrituras, sendo também uma representação de algo humilde ou subserviente, além de poder ser utilizado em diferentes ritos. Na academia, fatos religiosos como este são poucos aprofundados, talvez por conta de uma simples falta de atenção ou, quem sabe, por negligência de saber a origem de várias tradições cujas raízes podem estar em escritas milenares, a exemplo da Bíblia.

Tirar as sandálias é, portanto, sair do conforto de onde se está, deixar uma proteção estabelecida, libertar a mente de ideias preconceituosas, largar os afazeres alienantes, olhar algo novo e ir ao seu encontro, podendo adentrar num campo onde a vaidade é deixada do lado de fora, tocando um chão novo habitado por um ser desconhecido, que traz a mensagem ampla de bem comum.

² “O melhor produto do Brasil ainda é o brasileiro”, afirmou Cascudo em entrevista a Pedro Bloch (cf. LIMA, 2016, p. 138)

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. 9. Impressão. São Paulo: Paulus, 2013.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Superstição no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Global, 2002.
- FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, Carmen. *As melhores histórias da mitologia nórdica*. 5 ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios. 2006.
- LIMA, Diógenes da Cunha. *Câmara Cascudo: um brasileiro feliz*. 4. ed. São Paulo: escrituras Editora, 2016.
- O'CONNELL, Mark e AIREY, Raje. *Enciclopédia completa dos signos e símbolos: identificação e análise do vocabulário visual que forma nossos pensamentos e dita as nossas reações com o mundo à nossa volta*. Tradução Débora Ginza. São Paulo: Escala, 2010.
- PANASIEWICZ, Roberlei. Olhar hermético ou hermenêutico: fundamentalismo religioso, origens e desafios. *Atualidade teológica* (PUCRJ), v. 29, 2008. p. 1-11. Disponível em: <<http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/docdigital/simposioteologia/pdf/Roberlei%20Panasiewicz.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2014.